**A PRINCEZA QUE ADIVINHA**

Havia uma princeza que adivinhava tudo, e o rei tinha promettido que se houvesse alguem capaz de lhe apresentar um caso que ella não explicasse, se fosse mulher dava-lhe uma grande tensa, e se fosse homem casaria com ella; mas tambem quando a princeza adivinhava, mandava matar as pessoas que tinham vindo á côrte apresentar-lhe o caso. Já não havia quem quizesse ir á côrte apresentar adivinhas á princeza; vae senão quando uma mulher tinha um filho que passava por tolo, e diz-lhe o filho:

— Minha mãe, eu quero ir á côrte dizer uma adivinha á princeza.

— Não sejas tolo, filho; o que é que tu lhe vás dizer que ella não adivinhe?

O tolo tanto teimou, que se metteu a caminho, e como era longe agarrou de uma espingarda velha, e eil-o se vae por ahi fóra. Andou, andou, e lá no meio do caminho viu estar um coelho n’um fraguêdo e zás, ferra-lhe um tiro. Com tanta felicidade que matou caça; pegou n’ella, e com uma navalhinha esfollou-o, e n’isto conheceu que era uma coelha, que trazia uma barrigada de coelhinhos. Não se importou com isso, e foi mais para diante e viu á beira da capellinha de um ermitão um breviario esquecido, e pegou n’elle, petiscou fogo e assou com as folhas do livro a coelha, comeu e foi andando sempre. Até que chegou á côrte; não o queriam deixar entrar, porque parecia tolo, mas elle tanto teimou dizendo que queria apresentar uma adivinha á princeza, que o deixaram entrar, na certeza de que elle iria a morrer como os outros que tinham vindo campar por espertos. Chegou a hora da audiencia, e veiu a princeza; o toleirão disse-lhe esta adivinha:

— Atirei ao que vi,

Matei o que não vi;

Antre palavras de Deus

Assei e tudo comi.

A princeza ouviu, tornou a ouvir, e pediu tres dias para dar a explicação. O tolo ficou no palacio á espera da resposta, comendo e bebendo, de perna estendida, sem se lembrar que o podiam mandar matar. A princeza por mais voltas que deu ao miolo não atinava com a adivinha, e temendo de ter de casar com o tolo, mandou uma sua aia, muito em segredo, que lhe fosse pedir que dissesse como cousa particular o sentido da adivinhação. Foi a aia, mas o tolo disse que só se ella dormisse aquella noite no quarto com elle; ella não queria, mas como a princeza lhe prometteu muitas riquezas, sempre se sujeitou e foi. O tolo teimava em não dizer, emquanto ella não tirasse a camisa, porque a queria em leitão; depois disse umas cousas que não eram a verdadeira explicação, e quando a aia adormeceu, escondeu-lhe a camisa, de modo que de madrugada, quando ella se foi, não teve tempo de a procurar. A princeza não se contentou com a explicação e mandou outra dama; aconteceu tambem o mesmo. Por fim foi a propria princeza, fiada em que a não conhecia; mas elle logo viu pela marca da camisa quem era, e escondeu-lh’a tambem, mas d’esta vez disse a verdadeira explicação da adivinha. Acabados os tres dias ajuntou-se a côrte, e a princeza veiu e disse:

— A explicação da adivinha do aldeão é: Atirei ao que vi e matei o que não vi, é porque atirou a uma coelha que achou no caminho, a qual estava prenha, morrendo por isso os coelhinhos. Antre palavras de Deus assei e comi, é porque assou tudo nas folhas de um Breviario com que fez uma fogueira.

O rei ficou muito admirado do talento da sua filha, e disse que como elle aldeão tinha perdido, já não podia pretender a mão da princeza, e que se preparasse que ia a morrer. Vae elle, que se fazia mais tolo do que era, diz:

— A princeza ainda não adivinhou tudo, porque ainda tenho a dizer outra adivinhação que, juro que ella não é capaz de dar com o sentido.

A princeza mandou que elle fallasse; e então disse:

Quando no paço fiquei,

Trez pombinhas apanhei,

E trez pennas lhe tirei;

Se fôr preciso as mostrarei.

A princeza ainda se pôz a considerar, mas elle tirou do seio a primeira camisa, e todos viram de que dama era; tirou a segunda, e ia para tirar a ultima camisa, quando a princeza, temendo a vergonha de se vêr delatada diante da côrte toda, virou-se para elle:

— Não mostres, não mostres, porque já vejo que és o homem mais ladino que tem vindo a esta côrte, e caso comtigo.

(S. João de Airão — Minho.)

**A FILHA DO LAVRADOR**

Era uma vez um principe; todas as vezes que vinha lavar-se á varanda do seu quarto, via defronte a filha de um lavrador, que era muito linda. Ora n’aquelle tempo a verdadeira nobreza era a dos lavradores, e por isso o principe fallava para ella, e dizia:

— Deus vos salve, filha de lavrador.

E ella respondia:

— E a vós, principe e real senhor.

Elle conversava para ella, e perguntou-lhe se não queria encontrar-se na grande feira do anno, que se fazia? Ella disse que não, mas pediu licença ao pae, foi adiante e metteu-se no quarto da estalagem onde havia de pernoitar o principe. Quando disseram ao principe que estava ali uma mulher, elle respondeu:

— É o mesmo.

Entrou para o quarto; viu uma moça muito linda, mas não a conheceu. Apagou a luz e ficaram toda a noite juntos. Pela manhã muito cedo ella arranjou-se para partir, e o principe perguntou-lhe o que é que ella queria em lembrança d’aquella noite; ella pediu-lhe a espada. O principe não teve remedio senão dar-lh’a. Passados dias, o principe fez os mesmos cumprimentos:

— Deus vos salve, filha de lavrador.

— E a vós tambem, real senhor.

— Então a menina não vae amanhã á romaria, para se encontrar lá comigo?

Ella disse que não, mas foi adiante e com tal geito que ficou no logar onde o principe tinha de dormir aquella noite. Ora já se tinha passado muito tempo, e a filha do lavrador tinha tido ás escondidas um menino, que estava a criar e era o retrato do principe. D’esta vez as cousas passaram-se como da outra, e quando foi pela manhã cedo, o principe disse-lhe que pedisse o que queria, e ella disse que só queria o cinto que elle usava.

Já se sabe, veiu a ter outro menino. Foi ainda uma terceira vez convidada para um grande arraial, e ella lá se encontrou com o principe sem elle saber que era a filha do lavrador. D’esta vez tambem lhe perguntou o que é que ella queria, e a moça pediu-lhe o relogio. Passado o tempo tambem teve uma menina, que pôz a criar com os outros dois filhos do principe.

Um dia disse elle:

— Filha de lavrador, vou-me casar. Não queres vir á minha boda?

Elia disse que não; mas no dia do casamento entrou pelo palacio dentro com os trez meninos, um com a espada, outro com o cinto, e a menina com o relogio. Deixaram-na entrar, e ella foi para a meza. O principe conheceu aquellas trez prendas que dera, sem saber a quem, e viu que os meninos eram o seu retrato. No fim do jantar disse que cada um havia de contar a sua historia, e que elle é que começaria. Disse então:

— Um dia um homem perdeu uma chave de ouro, e arranjou uma de prata para servir-se; mas aconteceu achar outra vez a chave que tinha perdido, e agora quero que os senhores me digam de qual d’ellas se deve servir d’aqui em diante, da de ouro ou da de prata?

Disseram todos:

— Da chave de ouro! Da primeira.

O principe levantou-se, e foi buscar a filha do lavrador, que estava a um canto da meza, e disse:

— A esta é que tomo por mulher; e estes infantes são os meus filhos, que eu tinha perdido.

A festa continuou muito alegre, e d’ali se foram a receber com grandes alegrias.

(Santa Maria-Famalicão.)

**A ENFIADA DE PETAS**Era uma vez um homem, que não pôde pagar a renda ao fidalgo de quem era caseiro, e foi-lhe pedir perdoança; o fidalgo pensou que o que elle estava era a mentir, e disse-lhe:
— Só te perdôo as medidas da renda se me disseres uma mentira do tamanho de hoje e amanhã.
Foi-se o lavrador para casa e contou a cousa á mulher sem saberem como se haviam de arranjar com o senhorio, que os podia pôr no olho da rua. Um filho tolo, que tinha, disse-lhe:
— Oh meu pae, deixe-me ir ter com o fidalgo, que eu heide arranjar a cousa de modo que elle não tenha remedio senão dar a perdoança das medidas.
— Mas tu não atas cousa com cousa.
— Por isso mesmo.
Foi o tolo e pediu para fallar ao fidalgo, dizendo que vinha ali pagar a renda. O fidalgo mandou-o entrar, e elle então disse:
— Saberá vossa senhoria, que a anneza foi má, mas isso não faz ao caso; meu pae tinha tantos cortiços de abelhas que não lhe dava com a conta; pôz-se a contar as abelhas e acertou de lhe faltar uma; botou o machado ás costas e foi procurar a abelha; achou-a pousada na carucha de uma amieira; vae elle cortou a amieira para caçar a abelha, que por signal vinha tão carregadinha de mel, que elle crestou-a, e não tendo em que guardar o mel metteu a mão no seio e tirou dois piolhos e fez da pelle dois odres que encheu, mas quando vinha a entrar em casa uma gallinha comeu-lhe a abelha; atirou á gallinha com o machado para a matar, mas o machado perdeu-se entre as pennas; chegou o fogo ás pennas, e depois que ellas arderam é que achou o olho do machado; d'ali foi ao ferreiro para lh'o arranjar, e o ferreiro fez-lhe um anzol, com que foi ao rio apanhar peixes, e saiu-lhe uma albarda, tornou a deitar o anzol e apanhou um burro morto ha trez dias que pestanejava; botou-se a cavallo n'elle e foi ao ferrador para lhe dar uma mézinha, e elle deu-lhe o remedio de summo de fava sêcca, mas n'isto caiu-lhe um boccado n'um ouvido, onde lhe nasceu tamanho faval, que tem dado favas e comido favas, que ainda ahi trago quinze carros d'ellas para pagar a renda a vossa senhoria.
O fidalgo já enfadado com tanta patranha disse:
— Oh rapaz, tu mentes com quantos dentes tens na bocca.
— Pois, senhor, está a nossa renda paga.

(Airão.)

**CASAR E DESCASAR**

Um lavrador rico tinha só uma filha, que era muito linda; uma noite fallando com a sua mulher, quando já estava tudo socegado em casa, disse-lhe:

— A nossa filha já está casadoura, e nós temos uns bens bons, que hãode ficar para ella, e faz minga de lhe dar um marido que seja capaz.

— Ora quem hade ser? Disse a mulher.

— Eu já cá tenho um de olho. É o filho d'aquelle lavrador que mora ali ao cabo da villa.

— Lá esse tambem me parece bom rapaz, e não tenho que lhe dizer.

A rapariga, que ainda estava acordada, ouviu tudo, e no outro dia quando o pae e a mãe estavam no campo a apanhar os feijões, pôz-se á janella e quando viu passar o noivo, disse:

— Entra cá, Manoel. Sabes que mais? meu pae quer-me casar comtigo.

O rapaz entrou para dentro, e disse:

— Tambem eu quero; e então vamos a isso.

A rapariga era babana e esteve pelos autos. Quando elle se foi embora, a rapariga foi levar o jantar ao campo, e disse muito contente:

— Meu pae, eu já casei com o filho do lavrador do cabo da villa.

O pae ficou muito admirado, e assim que soube a verdade do acontecido, pôz-se a berrar desesperado, e quiz-lhe bater. No dia seguinte, ella pôz-se muito triste á janella, e assim que viu passar o rapaz chamou por elle:

— Entra cá, Manoel. Meu pae não gostou do nosso casamento, e então é preciso que a gente se descase.

— Vamos a isso. As coisas desfazem-se do mesmo feitio que se fazem.

Tornou a rapariga ao campo a levar o jantar e contou tudo ao pae, que já se tinha descasado. Elle ficou ainda mais desesperado e d'esta vez bateu-lhe a valer. Quando foi fallar com o lavrador a respeito do casamento da filha, já o rapaz estava embeiçado com outra, e com o casamento ajustado. A moça não ficou triste nem alegre, e esperou o dia do casamento. Ora n'aquella terra era costume de darem um jantar em casa do padrinho antes dos noivos se irem arreceber; quando estavam á mesa, appareceu a moça que se tinha descasado, muito aceiada, com todo o ouro que tinha, e pegou n'um copo e fez uma saude, dizendo:

Venho aqui brindar

O noivo que se casa

E torna a descasar.

E repetia isto a todo o proposito. A noiva que ouviu, perguntou ao rapaz o que é que queria aquillo dizer? Elle contou-lhe tudo; vae ella e diz:

— Sempre é muito tola, não é? Eu cá trago um filho do nosso abbade, e nem meu pae nem minha mãe o sabem.

O rapaz cahiu em si a tempo; e disse para os convidados:

— Meus senhores, quero-lhes fazer uma pergunta: Quem tinha uma chave de ouro e a perdeu, e se serve com uma de prata, se tornar a achar a de ouro deve deital-a fóra?

Responderam os convidados:

— Deve querer antes a chave de ouro.

— Pois é o que eu faço.

E o filho do lavrador sahiu pela porta fóra e foi tratar de se receber com a rapariga innocente de que a ressabiada tinha feito chacota.

*(Minho — Airão.)*

**AS CUNHADAS DO REI**

O rei andava de noite pelas ruas acompanhado do seu cosinheiro e do seu copeiro disfarçado, escutando pelas portas; passou por um balcão onde estavam tres meninas, que estavam conversando, e pôz-se á escuta do que diziam:

— Ali vão tres tunantes; se um fosse o rei, já eu sabia quem eram os outros.

— Um era o cosinheiro. Quem me a mim dera casar com elle; sempre havia de comer bons fricassés.

— O outro era o copeiro; pois eu cá o que queria era casar com elle, porque havia de ter bons licores.

Disse a mais nova:

— Eu não sei quem elles são; mas ainda que fossem condes ou duques, antes queria casar com o rei, porque lhe havia de dar tres meninos cada um com a sua estrella de ouro na testa.

O rancho foi-se embora, mas ao outro dia, o rei mandou ir á sua presença as tres irmãs. Perguntou-lhes se era verdade o que ellas tinham dito na vespera á noite. Respondeu a mais velha por si. Disse o rei:

— Pois então casarás com o meu cosinheiro.

A do meio tambem disse que tinha fallado por zombaria; o rei mandou que se arrecebesse com o copeiro. Chegou-se por fim á mais moça, que era a mais bonita:

— Então, disseste que só querias casar commigo?

— É verdade, não posso mentir; mande-me vossa magestade castigar.

O que o rei fez foi casar com ella; as irmãs ficaram a arrebentar de inveja, mas viviam no palacio. Ao fim do tempo, a que estava rainha teve dois meninos com uma estrellinha na testa. As irmãs, que estavam com ella, trocaram os meninos por dois cães. Os meninos foram botados ao rio dentro d’uma condessinha, e foram por agua abaixo ter ao moinho de um moleiro; como lhe parasse a agua, elle saiu a vêr o que era, e achando as duas criancinhas tomou-as para casa e criou-as. Ora o rei andava longe da terra, e quando veiu soube do caso e ficou muito triste, mas não fez mal á mulher. Passado tempo a rainha teve uma menina, e as irmãs, vendo que ella tambem tinha uma estrella na testa, trocaram-n’a por uma cadellinha e mandaram-n’a deitar ao rio; assim foi ter ao moinho onde já estavam os irmãos. O rei quando soube que a sua mulher tinha tido uma cadella, mandou-a enterrar até á cinta no pateo do palacio, para que todos que entrassem ou saissem lhe cuspissem em cima.

Os tres meninos cresceram, e o moleiro pôz-lhes umas carapucinhas para encobrir as estrellas de ouro que tinham na testa.

Um dia foi uma pobre pedir esmola á porta do moleiro; os meninos deram-lhe a esmolinha, e era Nossa Senhora, que lhe disse, que quando se vissem em alguma afflicção dissessem: «Valha-me aquella pobresinha.» Veiu a peste, e o moleiro e toda a sua gente morreu, e os meninos foram todos tres por esse mundo. Appareceu-lhe a pobre que os guiou até ao pé do palacio do rei, e deu-lhes a cada um a sua pedrinha, para se tornarem em um grande palacio quando as atirassem ao chão.

As tias estavam á janella do paço, e conheceram que eram os meninos das estrellinhas na testa, e trataram logo de vêr se os matavam. Mandaram ter com elles uma criada bruxa, que disse ao mais novinho, para entrar no jardim e apanhar um papagaio. Elle disse-lhe que não; vae o mais velho como animoso, disse:

— Pois vou eu.

E assim que entrou perdeu-se lá dentro e ficou encantado em leão. O outro quando viu que o irmão não tornava chamou pela pobresinha; ella veiu e deu-lhe uma lança, e disse:

— Vae ao jardim, e fere com ella o leão encantado.

Elle assim fez; e appareceu-lhe logo outra vez o irmão, que já tinha apanhado o papagaio. Botaram a fugir logo, e os portões do jardim fecharam-se de repente e só apanharam uma pontinha da aba do casaco de um d’elles.

A criada bruxa tinha no entretanto ido ter com a menina, e fallou-lhe em certas maravilhas da arvore que bota sangue e da agua de mil fontes. A menina pediu aos irmãos estas cousas, que eram para enfeitar os jardins do seu palacio. Cada um foi lá por sua vez e lá ficaram ambos encantados. Quando a menina viu que não tornavam, disse muito triste:

— Valha-me aqui a nossa pobresinha.

Appareceu-lhe a Nossa Senhora, que lhe ensinou como havia de ir ao jardim, e desencantar os irmãos, e enfrascar a agua de mil fontes e cortar o ramo da arvore que deitava sangue. Ella fez tudo, mas era preciso, que por mais barulho que ouvisse nunca olhasse para traz, senão ficava tambem encantada. Quando vinha com os irmãos e com as cousas que elles tinham ido buscar, era muito o barulho de vozes e só ao sair da porta é que deu um geitinho á cabeça para vêr para traz, mas foi o bastante para lhe ficarem presos os cabellos. Os irmãos foram buscar umas tesouras, e voltaram depois todos para o seu palacio defronte do rei.

Quando o rei apparecia á janella o papagaio não fazia senão rir. O rei convidou os meninos para um banquete e pediu que levassem o papagaio. Os meninos foram, mas ao passarem pela mulher que estava enterrada até á cinta não quizeram cuspir n’ella. O rei teimou, mas não conseguiu nada. Foram para a mesa; uma das irmãs da rainha é que trinchava, e tinha botado resalgar na sopa dos meninos. O papagaio avisou-os:

— Meninos, não comam que tem veneno.

O rei ficou desconfiado, e perguntou aos meninos porque não comiam; disseram elles:

— Falta aqui uma pessoa; é aquella mulher que está enterrada até á cinta no pateo do palacio.

Disse o papagaio:

— Mande-a o rei vir, porque ella é a mãe d’estes meninos.

O rei mandou vir a mulher; disse-lhe o papagaio:

— Sente-a agora ao seu lado; olhe que ella é sua mulher.

E contou como é que as cunhadas do rei tinham mandado botar ao rio em canastrinhas os tres meninos, e tinham posto em seu lugar os cães; e se se quizesse confirmar, que visse se os meninos tinham na testa as estrellinhas. Os meninos tiraram as carapucinhas, e o rei conheceu-os, e abraçou a sua mulher; e mandou que as cunhadas comessem a comida envenenada, e logo ali arrebentaram .

*(Airão — Minho)*

**A MULHER QUE CEGOU O MARIDO**

Uma mulher andava desencaminhada, e foi consultar uma visinha para achar modo de cegar o marido. Este veiu a sabel-o, e disse á visinha que lhe désse como receita infallivel, que dando a comer gallinha cosida ao marido, elle iria cegando pouco a pouco sem dar por isso.

Assim fez a mulher desencaminhada; ao primeiro pretexto disse ao marido que era bom comer gallinha cosida.

— Já que é remedio, comerei gallinha.

Depois de ter comido, o homem fingiu que estava um pouco com a vista turva. A mulher continuou a dar-lhe mais gallinha, e quando o homem já estava enjoado de comer tantas gallinhas é que se fingiu cego de todo. A mulher estava certa de que o marido era cego, e deu entrada ao amante; mas quando elles estavam mais seguros, é que o marido cobrou a vista, desancando-os como quem malha em centeio verde.

*(Airão.)*